



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Semana traz dados de inflação e atividade no Brasil e nos EUA

A inflação (IPCA) deve iniciar 2025 mostrando uma alta contida, devido à queda pontual da tarifa de energia elétrica. O índice será divulgado pelo IBGE na terça (11), com o mercado esperando alta de apenas 0,17% em janeiro, bem abaixo do observado em dezembro (+0,52%) e em jan/24 (+0,42%). Assim, o índice deve desacelerar no acumulado em 12 meses, de 4,83% para 4,58%, embora ainda acima do teto da meta (4,50%). Como já captado no IPCA-15, o resultado do mês será beneficiado pelo “bônus de Itaipu”, reduzindo o preço das tarifas de energia elétrica. Contudo, o alívio é momentâneo, com a devolução integral do benefício em fevereiro. Mais importante será acompanhar a evolução dos núcleos, que tem mostrado uma dinâmica preocupante, devido à demanda interna aquecida e desvalorização cambial. Ou seja, o alívio no mês não necessariamente significa uma melhora do cenário inflacionário, cujo índice provavelmente deve voltar para a faixa de 5% em fevereiro.

O mercado também estará atento ao comportamento dos indicadores de atividade, que devem reforçar os sinais de desaquecimento da economia no final de 2024, sugerindo um desempenho mais fraco do PIB no 4º trimestre de 2024. O IBGE divulga os números de dezembro do setor de serviços na quarta (12) e do varejo na quinta (13), que devem ficar relativamente estáveis, apesar das compras e eventos de fim de ano. Para o setor de serviços, o consenso do mercado espera alta de 0,1% no mês, encerrando o 4º trimestre com alta de 1,3%, igual ao observado no 3T24. Para o varejo (ampliado), a expectativa é de leve queda de 0,1% no mês, levando a uma alta modesta no trimestre (+0,1%), mostrando uma desaceleração importante ante o 3T24 (+0,5%), sugerindo, assim, alguma acomodação do consumo das famílias no fim do ano.

A semana também dá continuidade à safra de balanços do setor bancário referente ao 4T24. Agora pela manhã, o banco BTG divulgou o seu resultado, apresentando um lucro líquido de R\$ 3,3 bi no trimestre (+15% ante o 4T23), acumulando assim um lucro de R\$ 12,3 bi no ano, equivalente a uma alta de 18,0% ante 2023. Ainda na semana, também serão conhecidos os resultados do ABC (terça, dia 11), Pine e Banrisul, ambos na quarta (12).

No cenário internacional, a guerra tarifária de Donald Trump segue no foco. O presidente dos EUA afirmou que anunciará nesta semana tarifas recíprocas para países que possuem alíquotas superiores as que são cobradas atualmente pelos EUA. Além disso, também deve anunciar, ainda hoje, tarifas de 25% sobre a importação de aço/alumínio, que neste caso, deve atingir o Brasil.

O presidente do Fed, Jerome Powell, participará de audiência no Senado na terça-feira (11), na qual poderá dar novas indicações sobre o rumo da política monetária no país. Além de uma avaliação da conjuntura econômica, a expectativa é que Powell comente como o Fed tem observado o início do mandato de Donald Trump e como suas políticas (comercial, imigratória, energética, entre outras) podem afetar a inflação e consequentemente a condução da política monetária pela instituição.

Dentre os indicadores, destaque para a leitura da inflação ao consumidor (CPI) de janeiro nos EUA, que será divulgada na quarta (12). A expectativa do consenso é de alta de 0,3%, mantendo o indicador estável em 2,9% no acumulado em 12 meses. No geral, a divulgação do CPI não deve mudar a percepção de que a inflação segue sem dar sinais concretos de convergência para a meta, corroborando a postura mais conservadora do Fed. Ainda no âmbito da inflação, na quinta (13) haverá a divulgação dos preços ao produtor (PPI).

Ainda nos EUA, também serão divulgados dados de atividade (varejo e indústria) referentes ao mês de janeiro na semana. A expectativa é que as vendas no varejo apresentem ligeira queda (-0,1%) no mês, rompendo uma sequência de quatro altas seguidas. Já a produção industrial deve registrar alta de 0,3% no mês. Apesar dos números mais modestos, não necessariamente significam uma tendência de enfraquecimento da atividade no país, mas sim, apenas uma acomodação após números fortes no 2º semestre do ano passado. Os dados serão divulgados na sexta (14). Na Zona do Euro, a semana também traz dados de atividade, com a 2ª leitura do PIB do 4º trimestre de 2024 e a produção industrial referente a dezembro de 2024.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
10/fev	Anfavea: Produção mensal de veículos	Jan/25	-	10,8% a/a
11/fev	IBGE: IPCA	Jan/25	0,17% m/m 4,58% a/a	0,52% m/m 4,83% a/a
12/fev	IBGE: Pesquisa Mensal de Serviços (PMS)	Dez/24	0,1% m/m 3,4% a/a	-0,9% m/m 2,9% a/a
13/fev	IBGE: Pesquisa Mensal de Comércio (PMC)	Dez/24	-0,1% m/m 3,1% a/a	-1,8% m/m 2,1% a/a
13/fev	BCB: Pesquisa Trimestral de Condições de Crédito (PTC)	4T24	-	-

Fonte: Bloomberg.

Calendário de Divulgação e Estimativa de Lucro dos Bancos com Capital Aberto para o 4T24 e 2024

Banco	Data	Estimativa de Lucro Líquido no 4T24 Em R\$ mi	Var. % Trimestral	Var. % Anual	Estimativa de Lucro Líquido em 2024	Var.% no Ano
BTG Pactual	10/fev	3.361	9,5%	23,2%	12.027	21,2%
ABC	11/fev	259	1,7%	12,1%	988	16,0%
Pine	12/fev	-	-	-	-	-
Banrisul	12/fev	248	25,7%	-18,5%	880	1,0%
XP	18/fev	1.222	3,0%	17,5%	4.556	16,8%
Banco do Brasil	19/fev	9.414	-1,1%	-0,3%	37.730	6,1%
BMG	20/fev	112	-3,4%	-9,7%	427	108,3%
Nubank	20/fev	-	-	-	-	-

Fonte: Áreas de RI dos bancos e Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
11/fev	EUA	Testemunho de Jerome Powell (Fed) no Senado	-	-	-
12/fev	EUA	Inflação ao Consumidor (CPI)	Jan/25	0,3% m/m 2,9% a/a	0,4% m/m 2,9% a/a
13/fev	Zona do Euro	Produção Industrial	Dez/24	-0,6% m/m	0,2% m/m
13/fev	EUA	Inflação ao Produtor (PPI)	Jan/25	0,3% m/m 3,2% a/a	0,2% m/m 3,3% a/a
14/fev	Zona do Euro	PIB	4º tri/24 – 2ª leitura	0,0% t/t-1	0,4% t/t-1
14/fev	EUA	Vendas no varejo	Jan/25	-0,1% m/m	0,4% m/m
14/fev	EUA	Produção Industrial	Jan/25	0,3% m/m	0,9% m/m

Fonte: Bloomberg.



ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Ata reforça compromisso do Copom em buscar a meta de inflação

O Banco Central divulgou a Ata da última reunião do Copom, em que elevou a taxa Selic em 1 pp, para 13,25% aa e manteve a sinalização de mais uma alta de mesma magnitude na reunião de março. No geral, o documento buscou apurar algumas arestas que surgiram no comunicado, com destaque para a discussão sobre a atividade econômica, que aparenta dar sinais de arrefecimento, mas que estaria em linha com o cenário-base do Copom, não sendo motivo, por ora, para encurtar o ciclo de alta dos juros.

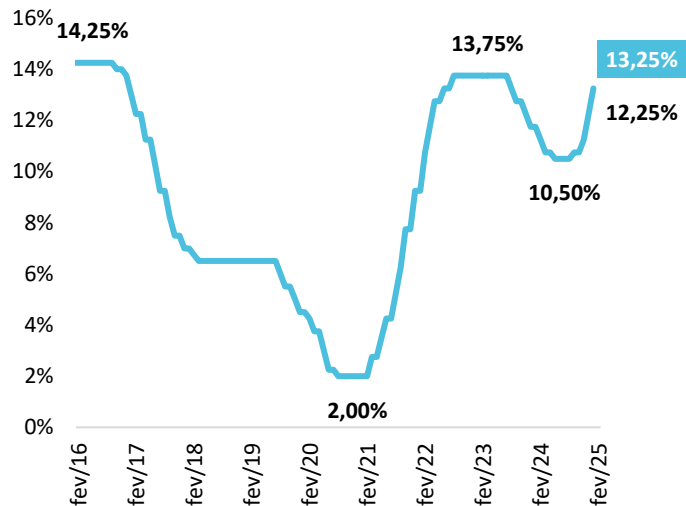
A Ata apontou que a atividade surpreendeu nos últimos trimestres, com destaque para o forte ritmo de expansão da demanda interna. O Comitê avalia que o cenário-base é de desaceleração e que isto é condição necessária para a convergência da inflação para a meta. Além disso, o Copom apontou que os dados mais recentes oferecem sinais incipientes de moderação, especialmente nos setores mais sensíveis ao crédito. Contudo, ponderou que tais sinais podem apenas decorrer de volatilidade das séries e não necessariamente apontar uma tendência de enfraquecimento, requerendo cautela na análise.

Em relação ao mercado de crédito, o Comitê avaliou que este se manteve pujante nos últimos trimestres, mas também observou alguma inflexão nas concessões para as famílias. Por outro lado, o mercado de títulos privados segue com alto crescimento e compressão dos *spreads*.

Sobre a inflação, a Ata apontou que o cenário segue adverso, decorrente do hiato do produto positivo, depreciação cambial, inflação corrente elevada e expectativas desancoradas. Estas, por sinal, seguiram em alta, o que aumenta o custo (em termos de atividade) para o processo de desinflação, segundo o Copom. No cenário de referência, a projeção de inflação do BCB é de 5,2% para 2025 e 4,0% para o 3T26 (horizonte relevante). Com isso, o Copom alertou que, em se concretizando suas projeções, a inflação permanecerá acima do teto da meta nos próximos 6 meses, levando o BCB a descumprir a nova sistemática do regime de metas já em junho (ou seja, 6 meses após seu início).

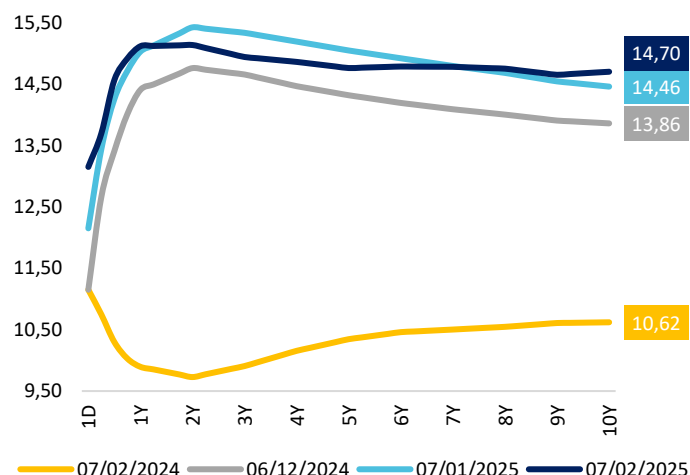
O Copom também discorreu sobre o balanço de riscos, cuja avaliação é que se mantém assimétrico no sentido de alta da inflação. Os três fatores que podem levar a inflação a ser mais alta do que a projetada foram mantidos. Mas, houve um detalhamento por trás do racional para cada item:

Quadro 1: Taxa Selic – % aa



Fonte: BCB

Quadro 2: Curva de juros futuros - % aa



Fonte: Bloomberg

i) desancoragem das expectativas: que pode levar os reajustes dos preços/salários a serem superiores à meta de inflação; ii) sobreaquecimento da atividade: com impactos especialmente na inflação de serviços; iii) políticas externas e internas com impacto na taxa de câmbio: neste caso, apontou que tem acompanhado com atenção as notícias fiscais internas e a política econômica dos EUA, principais fatores por trás dos movimentos recentes do câmbio.

Já do lado de baixa para a inflação, o BCB afirmou que há possibilidade de uma desaceleração mais forte do que a esperada da atividade, que geraria impactos desinflacionários na economia. Contudo, pontuou que, até o momento, não há evidências de uma desaceleração abrupta. Além disso, também pontuou que a não implementação das ameaças tarifárias por parte da administração Trump pode ser um vetor de baixa para a inflação global.

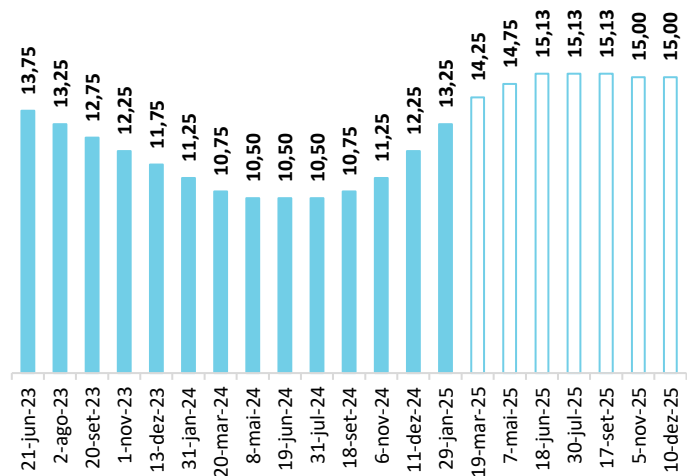
Portanto, diante de tal cenário, o Copom afirmou que é necessário uma política monetária mais contracionista. Neste sentido, confirmou a intenção de realizar outra alta de 1,0 pp da taxa Selic na próxima reunião (em março). Em relação às próximas reuniões, afirmou que a magnitude do ciclo total de aperto monetário será ditada pelo firme compromisso de convergência da inflação à meta, se abstendo, assim, de dar uma indicação específica.

Em suma, a Ata buscou indicar que não há desconforto com os sinais de desaceleração da atividade, que, pelo contrário, é condição necessária para levar a inflação para a meta. Sobre os próximos passos, além da indicação de alta para março, o Copom preferiu não se comprometer com uma trajetória definida para os juros, dado o cenário bastante incerto.

Neste sentido, os indicadores de atividade reforçaram os sinais de desaceleração da economia. A produção industrial retraiu 0,3% em dezembro, a 3ª queda mensal seguida, levando a uma ligeira retração de 0,1% no 4º trimestre de 2024. De toda forma, o resultado de dezembro ficou melhor do que o esperado (-1,1%).

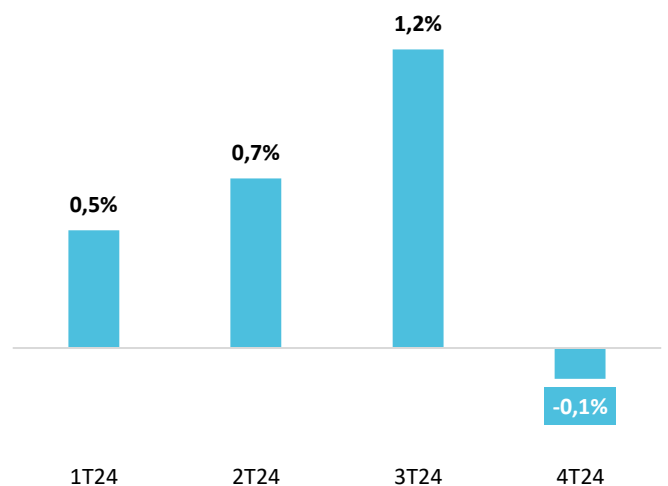
No mês, o predomínio foi de variações negativas, com recuo em 3 das 4 grandes categorias e em 15 das 25 atividades pesquisadas. As principais influências negativas vieram das atividades de fabricação de máquinas e equipamentos (-3,0%), produtos de borracha e plástico (-2,5%) e veículos (-0,8%). Esses resultados pressionaram para baixo o desempenho da produção de bens de capital (-1,1%) e de consumo duráveis (-1,6%) no mês. Os bens de consumo semi e não duráveis também registraram queda (-1,8%). A única categoria a avançar no período foi a de bens intermediários (+0,6%), impulsionada pela indústria extrativa (+0,8%).

Quadro 3: Taxa Selic - Em % aa (Projeção: Focus)



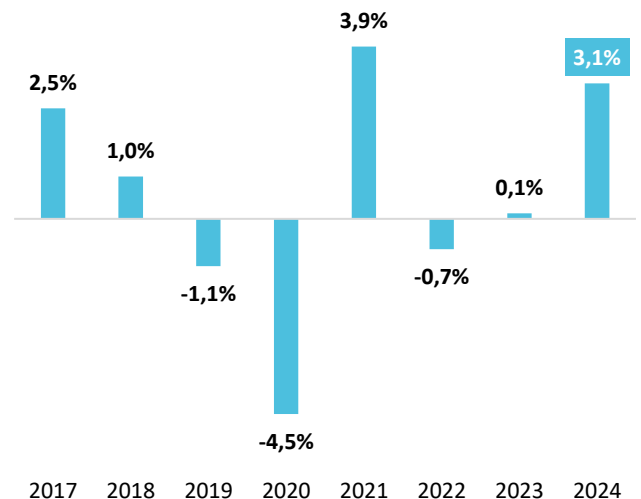
Fonte: BCB/Boletim Focus.

Quadro 4: Produção Industrial – Var. % trimestral



Fonte: IBGE

Quadro 5: Produção Industrial – Var. % anual



Fonte: IBGE

O resultado de dezembro confirmou a perda de fôlego do setor no final de 2024, com a indústria passando de uma alta de 1,2% no 3º trimestre para uma queda de 0,1% no 4T24 (único trimestre com variação negativa no ano), puxada para baixo pelos segmentos de bens de consumo duráveis (-0,4%) e semi e não duráveis (-2,9%).

Ainda assim, a indústria apresentou um bom desempenho em 2024, com alta de 3,1%, impulsionada pela demanda interna aquecida e redução dos juros na primeira metade do ano.

No ano, o crescimento foi liderado pela produção de bens de capital (+9,1%) e de consumo duráveis (+10,6%), mais sensíveis às taxas de juros e condições do mercado de crédito. Já a produção de bens semi e não duráveis, mais dependente da renda, cresceu 2,4%, sustentada pelo mercado de trabalho aquecido. Os bens intermediários, por sua vez, avançaram 2,5%, e tiveram o desempenho prejudicado pela fraco desempenho da indústria extrativa, que ficou estável (0,0%) no ano.

Para 2025, a perspectiva é que o setor apresente um desempenho mais modesto, especialmente nas categorias de bens de capitais e duráveis, diante de política monetária mais restritiva e das condições menos favoráveis no mercado de crédito.

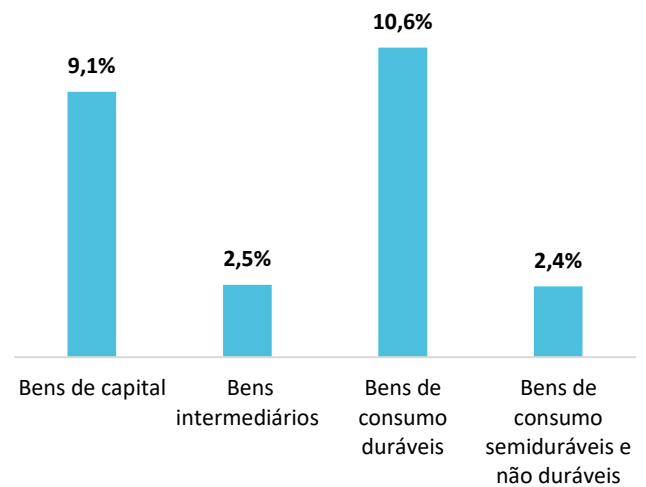
Neste sentido, os números de emplacamentos (vendas) de veículos de janeiro, de importante peso na indústria, sinalizaram continuidade da perda de tração no segmento neste início de ano. Segundo a Fenabrave, o número de emplacamentos recuou 6,8% em janeiro, após retrain 7,0% no mês anterior (ambos considerando ajustes sazonais).

No setor externo, a balança comercial registrou superávit de US\$ 2,2 bilhões em janeiro, bem abaixo do registrado no mesmo período de 2024 (US\$ 6,2 bi). A divulgação manteve a tônica da dinâmica observada ao longo de 2024, com crescimento das importações e relativa estagnação/queda das exportações.

No mês, as exportações somaram US\$ 25,2 bi, queda de 5,7% ante jan/24, refletindo menores vendas de itens de agropecuários (-10,1%) e extrativos (-13,6%), com quedas relevantes nas exportações de soja (-70,1%), milho (-29,9%) e minério de ferro (-22,0%). Já as importações somaram US\$ 23,0 bi, alta de 12,2% na mesma comparação, com avanço disseminado entre as principais categorias, com destaque para os bens intermediários (+18,0%), com o avanço da compra de fertilizantes (+15,6%), por exemplo.

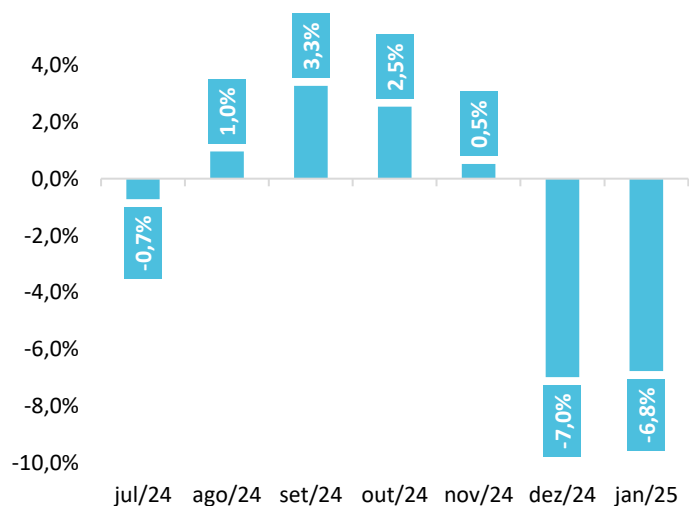
A expectativa é que a balança comercial registre alguma melhora ao longo de 2025, diante do crescimento da safra agrícola, da produção de petróleo e a desaceleração da demanda interna, podendo contribuir para tirar um pouco da pressão sobre a taxa de câmbio.

Quadro 6: Indústria – Grandes Categorias
Variação anual em 2024



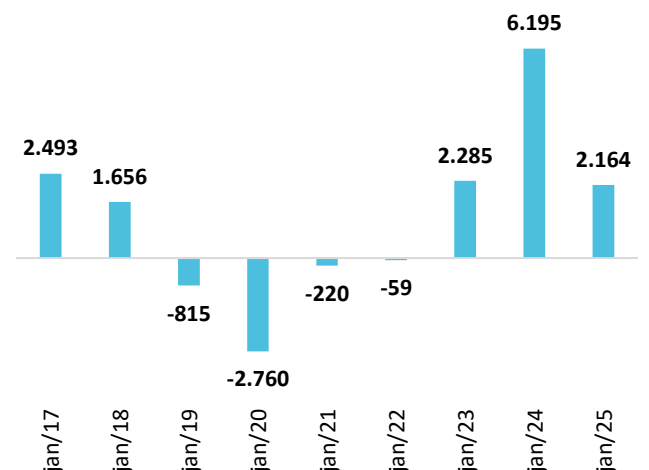
Fonte: IBGE

Quadro 7: Emplacamentos de Veículos
Var. % Mensal*



Fonte: Fenabrave. *Com ajuste sazonal da Febraban

Quadro 8: Balança Comercial – Saldo Comercial em meses de Janeiro (Em US\$ mi)



Fonte: Secex/Mdic.

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Tarifas de Trump e *payroll* sustentam apostas em juros estáveis pelo Fed

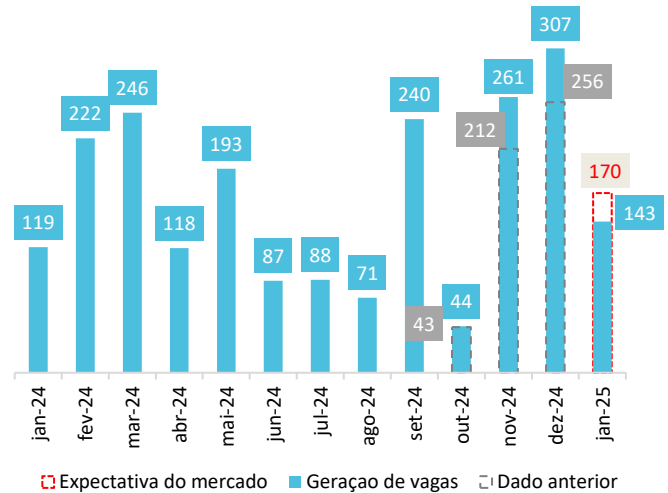
Os ativos de risco iniciaram a semana em forte queda, pressionados pelo anúncio de tarifas por Donald Trump aos principais parceiros comerciais do país (China, Canadá e México). Houve acréscimo de 10% sobre as alíquotas existentes para a China e a imposição de tarifas de 25% ao Canadá e México. Contudo, em 24 horas, suspendeu por 1 mês as tarifas para os seus vizinhos, com a promessa de um maior controle nas fronteiras (imigrantes e drogas), levando a alguma recuperação nas bolsas após o susto inicial. Já no final da semana, os dados do mercado de trabalho nos EUA (*payroll*) trouxeram uma leitura positiva do segmento, indicando que este segue resiliente, sem sinais claros de desaceleração. Com isso, os agentes seguem cautelosos com a possibilidade de uma retomada do ciclo de queda dos juros pelo Fed, apostando que deve ocorrer apenas uma queda de 0,25 pp no ano, provavelmente em meados do 2º semestre.

Quanto aos indicadores, o *payroll* registrou criação de 143 mil vagas em janeiro, abaixo do esperado (+170 mil). Apesar disso, houve revisão positiva de 101 mil vagas no último trimestre de 2024. Já a taxa de desemprego voltou a cair, atingindo 4,0% (ante 4,1% em dez/24), voltando ao nível de maio de 2024, com o número de empregados crescendo mais do que a força de trabalho. O crescimento dos salários também veio acima do esperado, indicando possível pressão nos preços à frente, com alta de 0,5% no mês e de 4,1% nos últimos 12 meses.

Quanto às expectativas, as leituras finais dos índices PMIs de janeiro sinalizaram alguma alteração na dinâmica dos setores. No caso da indústria, após passar o 2º semestre de 2024 abaixo do nível neutro, o indicador voltou a ficar em terreno de expansão, ao atingir 51,2 pts. Já o setor de serviços caiu para 52,9 pts, menor valor desde abr/24, com menor confiança dos negócios, diante do aumento dos custos de insumo e mão-de-obra.

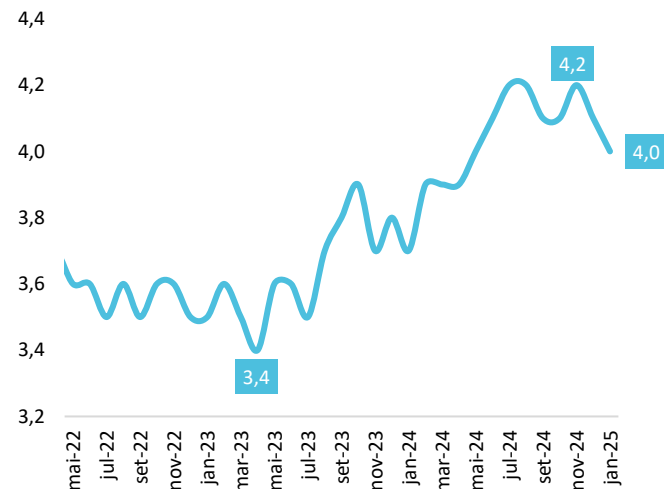
Na Zona do Euro, a prévia da inflação ao consumidor (CPI) de janeiro registrou deflação de 0,3% no mês. A queda nos preços é comum no mês e foi puxada pela queda nos preços de bens industriais (-2,4%), enquanto os itens de energia subiram 2,9%. Mesmo assim, em 12 meses, o indicador acelerou pelo 4º mês consecutivo, atingindo 2,5% (ante 2,4% em dez/24), enquanto o núcleo do CPI seguiu estável em 2,7%. Em relação à atividade, os sinais seguem desanimadores. O PMI dos serviços caiu no mês (51,3 pts ante 51,6 pts), embora siga acima do nível neutro, enquanto a indústria registrou modesta melhora (46,6 pts ante 45,1 pts), mas em nível bastante deprimido.

Quadro 9: EUA – Geração de Vagas de Emprego
Em milhares



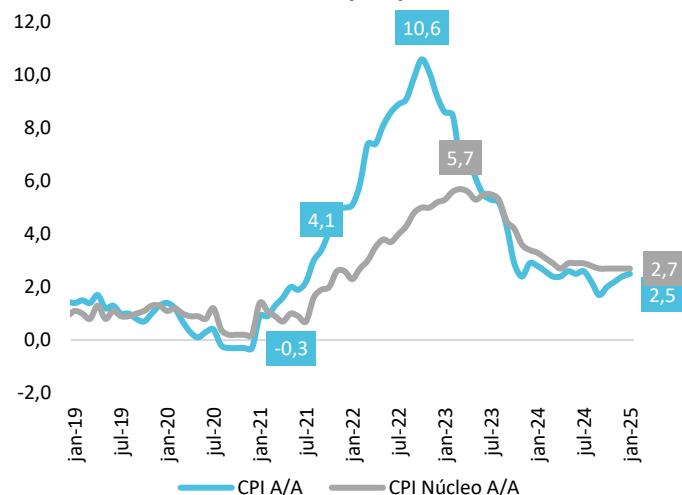
Fonte: Bloomberg.

Quadro 10: EUA – Taxa de Desemprego
Em %



Fonte: Bloomberg.

Quadro 11: Zona do Euro – Inflação ao Consumidor (CPI) – Var. % a/a



Fonte: Bloomberg.

Resultado Corporativo 2024 Santander

O Santander registrou lucro líquido gerencial de R\$ 3,9 bilhões no 4º trimestre de 2024, pouco acima do esperado (R\$ 3,7 bi), correspondendo a uma alta de 5,2% no trimestre e de 74,9% ante o 4T23. A rentabilidade patrimonial (ROE) do banco atingiu 17,6% no trimestre (ante 12,3% no mesmo período de 2023).

No comparativo com o 4T23, a melhora do resultado decorreu de uma combinação de aumento das receitas e queda das despesas com PDD. A margem financeira bruta subiu 16,0%, beneficiada pelo avanço da margem com clientes (+13,7%), que contou com maiores volumes médios de crédito e maior spread médio; e, pela reversão da perda da margem com o mercado (R\$ -102 mi) para ganhos de R\$ 198 mi. Já as receitas com serviços subiram 10,1%, com destaque para a receita com cartões (+18,8%) e operações de crédito (+11,3%).

Do lado dos custos, a PDD caiu 13,2%, devido à alta base de comparação (provisão de um cliente específico do Atacado no 4T23). Porém, mesmo sem tal efeito, a PDD teria caído 2,8%, diante dos índices de inadimplência bem-comportados. Já as despesas gerais permaneceram controladas (+2,8%), levando o índice de eficiência do banco a atingir 38,0%, melhor (menor) patamar desde o 3T22, quando ficou em 37,4%.

No acumulado de 2024, a instituição registrou lucro líquido gerencial de R\$ 13,9 bi, alta de 47,9% no ano, atingindo um ROE médio de 16,1% (+4,3 pp). A melhora do resultado em 2024 reflete praticamente os mesmos movimentos do 4T24, ou seja, expansão das receitas: margem bruta (+14,2%) e receitas de serviços (+13,3%); queda da PDD (-5,7%); e, relativo controle das despesas gerais (+4,5%).

Em relação à carteira de crédito, a carteira ampliada cresceu 6,2% no ano, enquanto a carteira de crédito bancário avançou 6,4%.

A alta foi impulsionada pela carteira destinada às famílias (+9,6%), liderada pela linha de financiamento de veículos (+23,1%) e cartão de crédito (+16,3%). Por outro lado, o banco mostrou menor apetite pelo crédito pessoal não consignado (-4,4%) e consignado (+5,2%), diante da piora do cenário econômico e baixa rentabilidade do consignado (baixo nível do teto do INSS), respectivamente. A carteira PJ, por sua vez, cresceu 2,0% no ano, com alta em PMEs (+13,7%), mas queda na carteira de grandes empresas (-3,0%). Já a taxa de inadimplência (acima de 90 dias) fechou 2024 em 3,2%, estável na margem, mas com ligeira alta de 0,1 pp em 12 meses.

Por fim, o presidente da instituição afirmou que é possível ter um crescimento da carteira de crédito em 2025 da mesma grandeza que em 2024. Porém, pouco provável crescer mais. O banco também informou que estima um acréscimo de R\$ 4,4 bi (+11%) no saldo de provisões com a adoção do modelo de perdas esperadas (Resolução 4.966/2021), o que representa uma redução de R\$ 2,5 bi no PL e de 0,14 pp nos índices de capital.

CRÉDITO / BANCOS

Quadro 12: Resultado 2024 – Santander

Banco Santander - R\$ Mi	2023	2024	Var. % 12 m
ITENS PATRIMONIAIS			
Ativo Total	1.153.196	1.335.238	15,8%
TVM	277.066	322.945	16,6%
Depósitos	475.702	495.328	4,1%
Patrimônio Líquido	86.084	90.744	5,4%
DRE¹			
Margem Financeira Bruta	53.179	60.746	14,2%
Provisão p/ créditos de liquid. duvidosa	-25.200	-23.755	-5,7%
Receitas de prestação de serviços e tarifas	18.458	20.917	13,3%
Despesas de pessoal	-11.283	-12.369	9,6%
Despesas administrativas	-13.429	-13.469	0,3%
Outras Receitas/Despesas Operacionais	-8.656	-9.952	15,0%
IR/CSLL	1.042	-2.821	-370,7%
Lucro/Prejuízo do período ²	9.382	13.872	47,9%
RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE¹			
ROAE	11,8%	16,1%	4,3 p.p.
ROAA	0,9%	1,1%	0,2 p.p.
Índice de eficiência	42,2%	38,0%	-4,2 p.p.
CRÉDITO			
Carteira de crédito	516.618	549.657	6,4%
PF	239.880	254.633	6,2%
PJ	207.012	211.994	2,4%
PMEs	67.409	76.636	13,7%
Grandes empresas	139.604	135.358	-3,0%
Financiamento ao consumo	69.725	83.029	19,1%
Carteira de crédito ampliada ³	643.040	682.693	6,2%
Estoque de provisão p/ liquid. duvidosa	35.375	34.632	-2,1%
Provisão adicional de PDD	2.045	4.181	104,5%
Despesa PDD/Carteira de crédito amp.	1,1%	0,9%	-0,2 p.p.
Saldo de PDD/Carteira de crédito amp.	5,5%	5,1%	-0,4 p.p.
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	3,1%	3,2%	0,1 p.p.
Cobertura > 90 dias	222,5%	197,8%	-24,6 p.p.
Índice de Basileia	14,5%	14,3%	-0,2 p.p.

Fonte: Santander RI. Elaboração: FEBRABAN. ¹Anualizado ²Lucro Líquido Ajustado Gerencial sem itens extraordinários ³Inclui outras operações com risco de crédito: debêntures, FDIC, CRI, notas promissórias e avais e fianças.

Resultado Corporativo 2024 Itaú Unibanco

CRÉDITO / BANCOS

O Itaú Unibanco registrou lucro líquido recorrente de R\$ 10,9 bi no 4º trimestre, alta de 2,0% no trimestre e de 15,8% ante o 4T23. O número veio em linha com o esperado (R\$ 10,8 bi) e corresponde a uma rentabilidade (ROE) de 22,1%, 0,9 pp acima do observado no mesmo período de 2023. Na comparação anual, a alta do lucro foi puxada por uma combinação de alta da margem financeira (+8,3%) e queda do custo de crédito (-5,5%). A expansão da margem decorreu de maiores volumes médios de crédito, enquanto a queda do custo de crédito se deu em função do controle dos níveis de inadimplência e pela maior recuperação de crédito (+24,0%). Também contribuiu para o resultado o avanço da receita com serviços (+4,5%) e de seguros (+13,5%).

No acumulado em 2024, o banco reportou um lucro líquido de R\$ 41,1 bi, alta anual de 16,2%. O ROE médio do ano foi de 22,2% ante 21,0% em 2023, o maior desde 2019 (23,6%). O aumento do lucro no ano também refletiu a combinação de expansão das receitas e queda da PDD. A margem financeira subiu 8,0%, com incremento tanto na margem com clientes (+7,1%), que contou com maior volume de crédito e margem com passivos; como, na margem com o mercado (+35,2%), devido ao desempenho positivo de tesouraria. As receitas com serviços subiram 5,9%, lideradas por assessoria econômica (+37,8%) e administração de fundos e consórcios (+12,0%). Do lado das despesas, o custo do crédito caiu 6,6%, refletindo a queda da PDD (-2,5%), com a inadimplência controlada (em especial no segmento de varejo) e maior recuperação de créditos (+25,1%). Já as despesas não decorrentes de juros subiram 6,8%. Com isso, o índice de eficiência atingiu 39,5%, com queda de 0,4 pp no ano, atingindo o melhor patamar da série (desde 2015).

A carteira de crédito ampliada cresceu 15,5% em 2024, atingindo R\$ 1,359 trilhão, puxada pelas operações na América Latina (+19,4%), refletindo, em boa parte, a forte depreciação do Real no ano passado. Tirando tal efeito, a carteira ampliada da instituição avançou 10,2%. No Brasil, houve expressiva expansão da carteira de garantias e títulos privados (+25,2%), em linha com o aumento da relevância do mercado de capitais como fonte de captação para as (grandes) empresas. No crédito bancário, a alta foi de 10,9%, puxada pelo crédito PJ (+16,4%), com alta de 17,5% na carteira de MPMEs, com grande participação dos programas públicos. A carteira PF, por sua vez, subiu 6,9%, puxada pelo crédito imobiliário (+11,1%) e veículos (+9,9%). Já a inadimplência da carteira total (acima de 90 dias) fechou 2024 em 2,4%, queda de 0,2 pp no trimestre e 0,4 pp em um ano, com a melhora puxada pela carteira PF (-0,2 pp e -0,6 pp, respectivamente).

Por fim, o Itaú divulgou seu *guidance* para 2025, com expectativa de expansão da carteira de crédito entre 4,5% e 8,5%, abaixo da alta em 2024 (+15,5% ou 10,2% sem o efeito cambial). Porém, espera uma expansão maior da margem com clientes (entre 7,5% e 11,5%), beneficiada por um *mix* de produtos mais rentável. Já o custo do crédito deve ficar entre R\$ 34,5 bi e R\$ 38,5 bi, pouco acima do apurado em 2024 (R\$ 34,5 bi). O banco também apontou que não espera alteração material no cálculo da PDD com a Resolução 4.966/2021.

Quadro 13: Resultado 2024 – Itaú Unibanco

Banco Itaú Unibanco - R\$ Mi	2023	2024	Var. % 12 m
ITENS PATRIMONIAIS			
Ativo Total	2.696.522	3.048.537	13,1%
TVM	984.279	1.114.941	13,3%
Depósitos	951.352	1.054.741	10,9%
Patrimônio Líquido	188.935	210.457	11,4%
DRE¹			
Margem Financeira Gerencial	104.098	112.445	8,0%
Margem com Clientes	100.828	108.024	7,1%
Margem com o Mercado	3.270	4.421	35,2%
Provisão p/ créditos de liquid. duvidosa	-37.124	-36.203	-2,5%
Receitas de prestação de serviços	42.599	45.110	5,9%
Operações com Seg., Prev. e Cap.	8.572	9.755	13,8%
Despesas não Decorrentes de Juros	-58.147	-62.108	6,8%
IR/CSLL	-14.189	-17.863	25,9%
Lucro/Prejuízo do período ²	35.618	41.403	16,2%
RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE¹			
ROAE	21,0%	22,2%	1,2 p.p.
ROAA	1,4%	1,4%	0,1 p.p.
Índice de eficiência	39,9%	39,5%	-0,4 p.p.
CRÉDITO			
Carteira de crédito ampliada ³	1.176.453	1.359.115	15,5%
PF	415.526	443.996	6,9%
PJ	303.691	353.585	16,4%
Estoque de provisão p/ liquid. Duvidosa	-52.019	-47.420	-8,8%
Despesa PDD/Carteira de crédito amp.	0,8%	0,7%	-0,1 p.p.
Saldo de PDD/Carteira de crédito amp.	4,4%	3,5%	-0,9 p.p.
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	2,8%	2,4%	-0,5 p.p.
Índice de Basileia	17,0%	16,5%	-0,5 p.p.
Índice de Cobertura > 90 dias	215,6%	214,5%	-1,0 p.p.

Fonte: Itaú RI. Elaboração: FEBRABAN. ¹Anualizado ²Lucro Líquido Ajustado Gerencial ³Inclui outras operações com risco de crédito (debêntures, CRI, commercial papers, etc.) e unidades da América Latina.

Resultado Corporativo 2024 Bradesco

CRÉDITO / BANCOS

O Bradesco apresentou lucro líquido recorrente de R\$ 5,4 bilhões no 4T24, em linha com o esperado (R\$ 5,3 bi), com ligeira alta (+3,4%) no trimestre e uma forte expansão ante o mesmo período de 2023 (+87,7%). O ROE, por sua vez, atingiu 12,7% no trimestre, seguindo em trajetória de recuperação ao atingir o maior valor desde o 2T22 (18,1%), embora ainda abaixo de seus pares. No comparativo com o 4T23, o principal vetor para a melhora do lucro foi a forte queda da PDD (-29,1%), diante da melhora da inadimplência, opção por um mix de carteira menos arriscado (mas também menos rentável) e aumento na recuperação de créditos. De toda forma, também houve avanço da margem financeira (+5,4%), impulsionada pela margem com mercado (+21,0%) e, em menor medida, da margem com clientes (+4,7%); assim como, das receitas com serviços (+13,7%) e seguros (+16,6%).

No acumulado de 2024, o lucro líquido recorrente do Bradesco foi de R\$ 19,6 bi, alta de 20,0% no ano, com o ROE atingindo 11,7%, alta de 1,7 pp no período. A melhora do resultado também veio do menor volume de PDD (-24,9%), refletindo a alteração de estratégia da instituição citada acima. Contudo, no ano, tal mudança levou a um recuo da margem com clientes (-5,1%). Já a margem com o mercado se beneficiou do melhor resultado da tesouraria (arbitragem) e subiu quase sete vezes, para R\$ 2,1 bi. As receitas de seguros (+7,5%) e serviços (+7,6%) também avançaram no período, com destaque para os ganhos com operações de crédito (+28,4%) e administração de fundos (+9,7%). As despesas operacionais, por sua vez, subiram 9,3% no ano, puxadas pelos “demais gastos operacionais” (+35,8%), com forte alta das provisões cíveis, trabalhistas e fiscais (+106,5%). Com isso, o índice de eficiência piorou e subiu para 52,2% (ante 48,7%).

A carteira de crédito ampliada do banco subiu 11,9% em 2024, atingindo R\$ 981,7 bi. A alta foi disseminada, com expansão da carteira destinada às famílias (+13,3%), com destaque para o crédito rural (+51,2%), crédito pessoal (+24,8%) – segundo o banco, concentrado em clientes de alta renda, parte da estratégia de originação – e crédito imobiliário (+14,9%). Já a carteira PJ avançou 10,9%, impulsionada pelo crédito às MPMEs (+28,0%), com forte participação dos programas públicos (FGI e Pronampe), onde o banco divulgou que possui o 2º maior *market-share* no segmento. Já a inadimplência (acima de 90 dias) atingiu 4,0% no fim de 2024, menor patamar desde o 3T22, com estabilidade no trimestre e queda de 1,2 pp ante dez/23. A queda anual foi observada em todos os segmentos, com destaque para a carteira de MPMEs (-1,4 pp, atingindo 6,8%) e PF (-0,8 pp; 5,1%).

O banco apresentou seu *guidance* para 2025, onde projeta um crescimento da carteira de crédito entre 4% e 8%, abaixo do registrado em 2024 (+11,9%). Além disso, divulgou que espera que a margem líquida (já descontada a PDD) fique entre R\$ 37 bi e R\$ 41 bi, indicando uma expansão próxima a 15% no ano, ou seja, bem acima do avanço da carteira. Por fim, afirmou que a Resolução 4.966 trará impacto imaterial no provisionamento de crédito, embora tenha aumentado o volume de capital nível 1 da IF em 0,4 pp.

Quadro 14: Resultado 2024 – Bradesco

Banco Bradesco - R\$ Mi	2023	2024	Var. % 12 m
ITENS PATRIMONIAIS			
Ativo Total	1.964.052	2.127.922	8,3%
TVM	808.992	839.191	3,7%
Depósitos	623.804	647.309	3,8%
Patrimônio Líquido	162.977	162.661	-0,2%
DRE¹			
Margem Financeira	65.196	63.726	-2,3%
Margem com Clientes	64.885	61.565	-5,1%
Margem com Mercado	311	2.161	594,9%
Provisão p/ créditos de liquid. duvidosa	-39.545	-29.688	-24,9%
Receitas de prestação de serviços	35.642	38.344	7,6%
Resultado das Operações de Seguros, Previdência e Capitalização	17.879	19.220	7,5%
Despesas de pessoal	-23.879	-25.514	6,8%
Despesas administrativas	-22.600	-23.255	2,9%
IR/CSLL	-1.036	-4.739	357,4%
Lucro/Prejuízo do período ²	16.297	19.554	20,0%
RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE¹			
ROAE	10,0%	11,7%	1,7 p.p.
ROAA	0,9%	0,9%	0,0 p.p.
Índice de eficiência	48,7%	52,2%	3,5 p.p.
CRÉDITO			
Carteira de crédito ampliada ³	877.285	981.692	11,9%
PF	365.442	414.080	13,3%
PJ	511.844	567.612	10,9%
Estoque de provisão p/ liquid. duvidosa	50.225	46.234	-7,9%
Despesa PDD/Carteira de crédito	1,2%	0,8%	-0,4 p.p.
Saldo de PDD/Carteira de crédito	5,7%	4,7%	-1,0 p.p.
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	5,2%	4,0%	-1,2 p.p.
Índice de Basileia	15,8%	14,8%	-1,0 p.p.
Cobertura > 90 dias	165,4%	168,6%	3,2 p.p.

Fonte: Bradesco RI. Elaboração: FEBRABAN. ¹Anualizado ²Lucro Líquido Ajustado Gerencial ³ Inclui outras operações com risco de crédito: debêntures, FDIC, CRI, notas promissórias, ativos relacionados a atividades de aquisição e avais e fianças.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2025				2026			
	07/02/25	31/01/25	10/01/25	Viés	07/02/25	31/01/25	10/01/25	Viés
IPCA (%)	5,58	5,51	5,00	▲	4,30	4,28	4,05	▲
PIB (% de crescimento)	2,03	2,06	2,02	▼	1,70	1,72	1,80	▼
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	15,00	15,00	15,00	↔	12,50	12,50	12,00	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	6,00	6,00	6,00	↔	6,00	6,00	6,00	↔

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	07/02/25	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,81	-0,60%	-0,60%	-5,96%	16,25%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	174,23	-3,11%	-3,11%	-18,96%	28,64%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	13,26	0,80%	0,80%	7,69%	19,46%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	15,12	1,03%	1,03%	-1,86%	52,14%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	14,84	1,04%	1,04%	-4,81%	43,07%
Índice Ibovespa (em pontos)	124.619,40	-1,20%	-1,20%	3,60%	-2,81%
IFNC (setor financeiro)	13.067,95	-0,33%	-0,33%	10,47%	-0,55%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	4,50	0,00%	0,00%	0,00%	-18,18%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,29	2,14%	2,14%	1,07%	-3,75%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,49	-1,01%	-1,01%	-0,88%	8,15%
Dollar Index	108,08	-0,27%	-0,27%	-0,05%	3,76%
Índice S&P 500 (em pontos)	6.025,99	-0,24%	-0,24%	2,02%	20,57%
Índice de ações de bancos – EUA	127,69	0,94%	0,94%	6,32%	31,97%
Índice Euro Stoxx 50	5.325,40	0,73%	0,73%	9,37%	13,05%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	168,99	4,39%	4,39%	16,26%	44,05%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	74,65	-2,75%	-2,75%	0,35%	-8,55%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira